

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO DO CONTBRAS

Palavras do Ministro da Defesa, Raul Jungmann, na cerimônia de encerramento da participação do Contingente Brasileiro (CONTBRAS) na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH)

Porto Príncipe, 31 de agosto de 2017

Soldados!

Quando vocês entraram aqui, cantavam o Hino da Força Expedicionária Brasileira que, de 1944 a 1945, lutou nos campos da Itália para libertar aquele país e, em conjunto com os Aliados, libertar-nos do fascismo e do totalitarismo.

Diz uma estrofe daquela canção “Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá”.

Por esse campo aqui passaram 26 contingentes. Passaram mais de 37 mil militares, mas 25 deles não voltaram para suas casas. Eu peço, em homenagem a eles e a todos os demais, das demais Forças que participaram conosco dessa missão de paz, um minuto de silêncio em sua memória.

A participação do Brasil na MINUSTAH significou também um ato de afirmação, sobretudo, de princípios, de valores, de compromissos e de solidariedade para com o povo do Haiti.

A história da MINUSTAH nos leva aos idos de 1947, quando participamos como observadores na ação da Organização das Nações Unidas na Grécia, antes mesmo da primeira missão de paz da ONU em 1948.

De lá para cá, o Brasil tem sido uma presença constante, uma presença respeitada, uma presença profissional, como provedor de paz que é, por meio de suas Forças Armadas. Ao longo desse período, as Forças deram e dão o exemplo dos valores e princípios que nos presidem, que nos acompanharam e nos acompanharão adiante.

A MINUSTAH, iniciada em 2004 e que ora começa o seu encerramento, foi uma missão sob o mandato da Organização das Nações Unidas através da Resolução 1542 do seu Conselho de Segurança, porque àquela época o Haiti vivia momentos difíceis. Foram momentos que desaguaram em uma guerra entre irmãos, com perda de controle, violência, insegurança e uma trágica guerra civil.

Quando os senhores e os que os antecederam vieram para cá, não encontraram facilidades. Enfrentaram a violência das gangues, um processo de pacificação que foi de 2004 até, praticamente, 2006.

Senhora Representante da ONU, ainda recentemente, nos locais onde antes predominava a violência, como, por exemplo, Cité Soleil, por dois meses já não se ouve um tiro. Por dois

meses, em continuidade a um trabalho lá realizado arduamente, como disse aqui o General Ajax, com sofrimento e dedicação. Foram debeladas as gangues e resgatada a paz.

Mas o trabalho que era cotidiano, o trabalho que era permanente, teria novas provas a testar a vossa disposição e vontade. Refiro-me aos anos de 2008 e 2009, quando nós tivemos um grande problema relacionado a alimentos e também a desastres naturais, como furacões.

Essa missão, em que pese ser uma missão com mandato de estabilidade e de resgate da segurança no Haiti, tem também outras dimensões: a dimensão do apoio à infraestrutura; o extraordinário trabalho que foi feito pelo Batalhão de Engenharia; o trabalho que foi feito, como hoje me dizia o senhor Embaixador Vidal, no âmbito do maior programa de cooperação na área da saúde do mundo. O Brasil assume esse programa, e continuaremos assumindo.

Igualmente, na área agrícola, na assistência social e na capacitação profissional, também contribuimos decisivamente para a superação daquele quadro tão difícil.

Mas já novos testes se prenunciavam. Refiro-me a 2010, quando aqui tivemos um terremoto de proporções terríveis e que ceifou a vida de mais de 220 mil haitianos. Poucos meses depois, eu cheguei aqui, ao Haiti, na minha primeira visita, coordenando uma delegação do Congresso Nacional brasileiro, para tomar conhecimento da dimensão daquela tragédia e levar esse conhecimento ao Congresso. Obviamente, o objetivo era deixar clara a necessidade do apoio às nossas Forças Armadas, que aqui se desincumbiam, como sempre, com denodo, compromisso e profissionalismo.

Foi nesse período, Comandante Rossato, que praticamente uma ponte aérea foi feita entre Brasil e Haiti, como foi lembrado aqui pelo General Ajax. Se, aproximadamente, entre 2004 e 2016 foram mais de 590 voos da nossa Força Aérea, mais de 220 voos de apoio humanitário foram realizados só nos seis meses seguintes ao terremoto.

Como também foi aqui instalado um hospital. Como também contamos com o inestimável apoio da Marinha, que deslocou quatro navios para transportar mantimentos, medicamentos e o que mais fosse necessário.

Quando aqui estive pela primeira vez, vi uma cidade e um país castigados. Duramente castigados, como eu jamais havia visto.

Mas vi também o esforço, o compromisso, o respeito e a solidariedade dessa missão de paz coordenada pelas Forças Armadas brasileiras que, em conjunto com os demais países, ajudaram a minorar e a superar aquela tragédia.

Mas não estava acabado, ainda, esse rosário de provas que teríamos que enfrentar. Viria, em 2016, o Furacão Matthew – novamente destruição, novamente morte, novamente dor; e novamente heroísmo, desprendimento, solidariedade e fraternidade dos que fazem e fizeram essa missão.

Por isso é que hoje, se temos, como diz o General Ajax, a tristeza de vê-los partir, o nosso peito se enche de orgulho, porque cada um dos senhores e das senhoras voltarão para o Brasil, encontrarão seus familiares, seus seres amados, seus filhos, esposas, namorados, amigos, com a cabeça erguida.

Existem poucas coisas comparáveis à sensação do dever cumprido. E vocês cumpriram com o seu dever.

Ao vê-los aqui, alguém pode imaginar que os instrumentos principais desse sucesso são as armas de que os senhores são portadores. Não! O grande instrumento do sucesso dessa

missão foram princípios e valores, foram a cultura e a história de nosso País, o Brasil, que trouxemos para cá.

O Brasil, que tem como princípio inscrito na sua Constituição a relação fraterna com os demais países, o respeito à autodeterminação dos povos, a defesa de vidas. País que tem na sua Constituição que a saída dos conflitos há de ser pacífica.

Além disso, sabem os senhores todos, não viemos aqui impor nada, nem nada impusemos. Não viemos aqui com condicionalidades, e nada condicionamos. Não viemos aqui com interesses comerciais, não viemos fazer negócios. Nós viemos trazer solidariedade. E alguém nesses tempos tão egoístas pode perguntar: mas, afinal, por que solidariedade com aqueles que não são os nossos, que não são brasileiros?

A razão é muito simples: a humanidade é uma só. A humanidade é indivisível, e nós temos responsabilidades para com ela. Amanhã, se tivermos que cobrar reciprocidade, teremos o que dizer. Fomos solidários.

E os senhores, aqui, são brasileiros, são tropas brasileiras. Mas através do mandato da ONU, os senhores tornam-se tropas do mundo. É o mundo que os senhores representaram aqui, como provedores de paz. É a humanidade que agradece o trabalho que os senhores fizeram, e o de todas as demais nações que aqui estiveram.

É o mundo, hoje tão sofrido e, infelizmente, como no passado, diante de tantos conflitos, de tanto sofrimento, de tanta dor; é o mundo que se espelha no coração e nas almas de vocês com um outro lado, o lado do bem, da solidariedade, da paz, do conforto, do respeito e da dignidade.

Por tudo isso, quando os senhores e as senhoras voltarem para suas casas, quando narrarem o que aqui viveram aos seus familiares, amigos e amados, lembrem-se de que aqui nos exercemos uma missão pela paz. E paz, talvez, no seu melhor significado, qual seja o de defesa da vida. Defender a vida é defender a paz em nome de todos.

Quando se concluíram as grandes tragédias e hecatombes da Primeira e Segunda Guerra Mundiais, o mundo inteiro juntou-se no seio das nações unidas com um sonho: o sonho de um mundo de paz, um mundo justo, um mundo sem guerra, um mundo sem injustiça. Um mundo onde a democracia e os valores se sobrepusessem ao egoísmo, ao desrespeito e à injustiça.

Os senhores são a promessa e a realidade desse sonho. O Brasil tem orgulho de vocês. O Brasil os receberá de braços abertos, como representantes do que nós temos de melhor. E, por isso, eu trago, em nome do Presidente da República, Michel Temer, e, ousado dizer, em nome de todo o povo brasileiro, o nosso muito obrigado!

É hora de voltar. É hora de dizer adeus. Assim como na vida, em que há momentos de semear e momentos de colher, também há a hora de chegar e a hora de partir.

Soldados, provedores da paz, os senhores ergueram o nome do Brasil a um novo patamar. Levaram a todos nós reconhecimento e muito orgulho.

Temos muito que agradecer e é preciso, aqui, iniciando os agradecimentos finais, saudar a figura dessa excepcional construtora da paz, a Sra. Sandra Honoré. A senhora foi decisiva para que nós tivéssemos aqui, hoje, esse clima de estabilidade, e não apenas a senhora, mas a senhora bem representa o que pode nos dar e o quanto é importante é a ONU, juntamente com a Sra. Susan Page.

Nós temos que agradecer também, e muito, às nações amigas que conosco participaram desse esforço e que conosco dividiram ombro a ombro essa tarefa de reconquistar a estabilidade e a paz no Haiti. Nós somos imensamente gratos e sabemos que todos foram fundamentais para que esse objetivo fosse alcançado.

Nós temos que agradecer também aos civis que aqui vieram, que participaram, se doaram, se entregaram, e nos ajudaram a construir esse edifício de estabilidade e paz. E eu lembro, em particular, o nome de uma delas, que aqui faleceu também na defesa de valores e princípios e se doando àqueles que mais necessitavam: Dona Zilda Arns, que faleceu no terremoto de 2010.

Quero agradecer a todas as organizações humanitárias da sociedade civil, que vêm ajudando e têm participado de todo esse processo e que continuarão participando.

Quero agradecer ao Sr. Presidente, ao Sr. Primeiro Ministro, ao governo do Haiti, que tanto nos apoiou, que nos recebeu, e que em breve estaremos recebendo no Brasil.

Quero agradecer também, e muito, particularmente, ao povo haitiano, com o qual nós temos muita identidade. Entre outras, a nossa cultura, fortemente impregnada do patrimônio que nos vem da África, nos sabores, na alegria, na dança. Essa é, sem sombra de dúvida, uma nação irmã, e nós queremos que assim continue.

Quero agradecer aos senhores comandantes aqui presentes, senhores oficiais gerais, particularmente ao senhor comandante da Força Aérea, ao senhor comandante da Marinha e, por meio do General Campos, a esse grande comandante, esse grande brasileiro, que é o General Villas Bôas.

E, por fim, quero agradecer a cada um de vocês. Isto aqui, esse ato, essa despedida, é uma homenagem a vocês. É um reconhecimento a vocês. Porque juntamente com os que os antecederam, vocês foram a expressão viva, real, autêntica, de tudo que eu aqui disse.

Nas suas atitudes no dia a dia, no seu contato com a população, na sua luta pela estabilidade e pela democracia enfim conquistadas no Haiti, vocês foram os nossos heróis. Vocês foram o elo entre a intenção e o gesto. Vocês são um orgulho, filhos do Brasil, brasileiros e brasileiras.

Muito obrigado a todos!

Voltem para casa com a certeza de que vocês fizeram muito pelo Haiti, fizeram muito pelo Brasil, e também pelo mundo, pela paz, pela justiça e pela democracia.

Viva o Haiti! Viva o Brasil!